

Resultados negativos em 1987 prejudicam união dos credores

por Paulo Sotero
de Washington

Desgatada por cinco anos de insistência numa estratégia de negociação que não conseguiu aliviar a crise da dívida dos países em desenvolvimento e, no ano passado, levou os bancos a registrarem seus maiores prejuízos desde a Grande Depressão, a unanimidade que até recentemente presidiu as iniciativas dos credores começou, finalmente, a desmoronar. A divulgação, nos últimos dias, dos balancetes de várias instituições confirma o cisma que já se desenhava há tempos entre, de um lado, os grandes bancos de Nova York, que desde o início da crise estiveram no comando das negociações, e os bancos regionais norteamericanos, que sempre se viram mais ou menos forçados a uma política de alinhamento automático.

Contrariando o movimento iniciado na semana passada pelo First Interstate Bancorp., na Califórnia, as instituições gigantes de Nova York decidiram não aumentar sua provisão de reservas contra eventuais perdas em empréstimos a países desenvolvidos. O Citicorp, que em maio passado — três meses exatos depois da decretação da moratória pelo Brasil — surpreendera seus concorrentes com a decisão de aumentar suas reservas em US\$ 3 bilhões, declarou que considera seu atual nível de reserva "adequado e apropriado". O mesmo fizeram o J.P. Morgan, empresa holding do Morgan Guaranty Trust, o Chase Manhattan Bank e o Bankers Trust, que anunciou os seus resultados do último trimestre de 1987. Anteriormente, o Chemical Bank e o Manufacturers Hanover já haviam tomado

idêntica decisão. As reservas desses bancos representam, em média, 30% de seu risco internacional no Terceiro Mundo.

DISPOSIÇÃO

Em contraste, os bancos regionais, entre os quais figuram instituições de grande porte, como o Continental Illinois e o First Chicago, Security Pacific, First Interstate e Wells Fargo, da Califórnia, First Republic Bank, do Texas, Mellon Bank, da Pensilvânia, o National Bank of North Carolina e o Bank of Boston, passaram a ter reservas equivalentes a 50% de seus empréstimos depois do recente aprovisionamento.

Alguns analistas acreditam que a posição dos bancos regionais sinaliza uma maior disposição para aceitar perdas e participar em esquema de securitização, que os bancos novaiorquinos estão resistindo. Ela confirma, de qualquer

maneira, a tendência crescente de cada banco buscar seu próprio caminho. Em relação à questão da securitização, é significativa a decisão do Morgan de não aumentar suas reservas, pois este é o banco que o México contratou para administrar o plano de conversão de dívida, com desconto, em títulos de longo prazo garantidos por papéis da dívida dos EUA. O México já anunciou que pretende converter parte de sua dívida com um deságio de 40%. As reservas do Morgan, que não estão alocadas especificamente por país, representam cerca de 33% de seu risco nos países endividados. Isso não impede o Morgan de aceitar um desconto de 40% na conversão de uma parte de seus ativos mexicanos. Mas sua decisão de não aumentar as reservas sinaliza um limite para o desconto.